

ENTRE O GIZ E O GLITTER:

Investigando Professorxs Drags [ou seriam Drags Professorxs?!]¹

Renato Romeritto ²
Ivan Amaro (Orientador) ³

RESUMO

O intuito deste é o de abordar a relação entre sujeitxs e personagens drags, descrevendo a sua concepção acerca da autosexualidade, como isso é visto na sua prática docente e de que forma a comunidade escolar se relaciona com estxs docentes. Discuto os elementos do processo de [trans]formação dxs drags e os mecanismos que são utilizados para a produção de gênero no corpo e nas marcas de identidade destxs performers. Para atingir este propósito, foi investigado como se processa a relação de identificação dxs drags com os gêneros femininos e masculinos. Estes dados foram obtidos através de levantamento bibliográfico e de pesquisa exploratória com um sujeito, que é professor de dia e *drag queen* a noite, por meio de entrevista semiestruturada. Professorxs que interpretam drags [ou seriam as drags que atuam como professorxs?], não apenas desejam viver, ensinar e serem aceitxs como sendo [re/des]construtorxs da natureza oposta à de seu sexo biológico, ao contrário, superam as características físicas de seu gênero, e vivificam suas identificações com o gênero oposto por meio de suas [re/des]montagens, que auxiliam na [re/des]construção de seus corpos, desejos e paixões. O protagonismo de professorxs drags [ou seriam *drag professorxs?*] é importante, pois ajuda a legitimar as discussões sobre a diversidade sexual nas escolas.

Palavras-chave: Educação, Drags, Drag queens/kings, Performance, LGBT.

INTRODUÇÃO

“*Drag Queens* são como as princesas da *Disney*”.

– BEN MOIR

Este estudo apoiou-se, principalmente nas concepções de Deborah Briztman (1996; 1999), Guacira Louro (1992; 2001; 2004; 2007; 2008), Judith Butler (2003), Michel Foucault

¹ Esta pesquisa é resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF em 2014.

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF, Especialista pelo Curso de Gênero e Sexualidade da Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI, Graduando pelo Curso de Pedagogia Bilíngue (Português/LIBRAS) pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF, renatoromeritto@gmail.com;

³ Pós-Doutor em Educação pela Univerdidade Federal Fluminense – UFF, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, Graduado do Curso de Letras (Português/Espanhol) pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF/UERJ), Professor da Graduação em Pedagogia (FEBF/UERJ), Coordenador do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação Gênero e Sexualidades – NuDES, ivanamaro.uerj@gmail.com;

(1987; 1990; 2004) e Joan Scott (1988). Tais referenciais foram essenciais para se alcançar o principal objetivo deste estudo que é o de abordar de que modo se configura a relação entre sujeitxs e personagens drags, termo guarda-chuva utilizado para representar aquelxs que re/descontrõem os scripts de gêneros de forma artística e lúdica, descrevendo a sua visão sobre a própria sexualidade, como isso é visto na sua prática docente e de que forma a comunidade escolar se relaciona com o estxs educadorxs.

Para dar início a esse trabalho propus-me a seguinte questão: De que forma acontece as interações cotidianas dxs alunxs, xs responsáveis, xs colegas professorxs, a direção da escola e xs demais membrxs da comunidade escolar para com o docente homoafetivo Marcelo Souza Costa, que interpreta a *drag queen* Suzy Brasil? E como isso interfere no processo ensino aprendizagem ou na educação escolar?

Para responder a questões proposta desenvolvi uma pesquisa qualitativa com o método do estudo de caso com o docente Marcelo Souza da Costa focando em sua com prática de sala de aula e a prática da drag queen Suzy Brasil com sua atuação nos palcos. Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas, que permitiram o conhecimento de material relevante, tomando-se por base o que já foi publicado em relação ao tema, de modo a delinear uma nova abordagem sobre o mesmo, chegando a conclusões que possam servir de embasamento para pesquisas futuras.

Muitxs professorxs enfrentam dupla jornada de trabalho. Vivemos em um país em que nós professorxs já somos artistas, pois temos que ser muito criativxs para trabalharmos no estado preocupante da educação brasileira (faltam recursos financeiros e materiais, além da participação da família bem como da comunidade do entorno da escola), isso eu escrevi e 2014, mas hoje a situação é bem ais preocupante por conta dos cortes na educação por parte do [des]governo, com isso posso afirmar que os/as indivíduos/as que vivem entre o giz e o *glitter*, ou seja, entre as salas de aula e os palcos, são artistas duas vezes, são resistências.

METODOLOGIA

Com o objetivo de responder as questões propostas na introdução desta pesquisa e de conhecer o universo acerca do tema realizei uma entrevista com o Professor Marcelo Souza Costa. Elaborei as perguntas pensando de uma forma ampla e que atingisse os objetivos deste trabalho, sendo que foi uma entrevista semiestruturada, cuja metodologia possibilita ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo

pesquisador. Maria Minayo (1999) ressalta que essa modalidade de entrevista não restringe os temas abordados ao roteiro, uma vez que durante a investigação outras questões podem vir a aparecer. Além disso, tem como característica a flexibilidade na ordem dos assuntos abordados, cuja sequência é determinada pela ênfase dada pelo entrevistado. Portanto, o roteiro serve apenas como um guia de orientação para o entrevistador e não deve limitar a fala do entrevistado. Tal modalidade de entrevista permite ainda a captação imediata e corrente das informações desejadas, bem como as correções, os esclarecimentos e as adaptações que a torna um instrumento mais eficaz na obtenção das informações desejadas (LEONELLO & L'ABBATE, 2006; MARTINS & BÓGUS, 2004; MINAYO, 1999).

Procurei os contatos do Marcelo na *internet*, mas sem sucesso. Insistente, então encontrei uma página da Suzy Brasil no Facebook, escrevi *in box* informando sobre minha pesquisa e o quanto a entrevista dele enriquecê-la-ia. Ele sem muita conversa me passou seu telefone e eu liguei, mas minha ligação não fora atendida de imediato, mas com minha insistência fui atendido. Conversamos sobre a pesquisa e ele logo foi me passando seu endereço e me informando seus horários e suas dificuldades de encontros imediatistas por conta das avaliações de seus/suas alunos/as. No dia 17 de novembro de 2013 às 14h00min, na Penha, um dia chuvoso, eu estava chamando no portão da casa dele, mas fui informado de forma cordial por um parente dele que o Marcelo estava morando com a avó na casa vizinha. Chamei no portão vizinho, fui atendido por uma senhora muito gentil e que foi logo me convidando para entrar e ficamos de longo papo enquanto quem eu procurava ainda se arrumava para me receber.

De repente vejo saindo de uma das duas casas um indivíduo do sexo macho, no qual para Guacira Louro (2004) o corpo, identificado como macho ou fêmea “determina” de forma social o gênero (um de dois gêneros possíveis: masculino e feminino) e leva a uma forma de desejo (especificamente, o desejo dirigido ao sexo oposto/gênero oposto). Esse indivíduo fortemente marcava seu gênero masculino em características socialmente construídas (bermuda, camiseta regata, boné e tatuagens tribais em preto), era o Marcelo, vendo aqui o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e sendo ele ainda um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1988).

Posso aqui dizer que o Marcelo é o homem que tenta seguir socialmente a norma da nossa sociedade, que se estabelece historicamente, remetendo-se ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã que passa a ser a referência (LOURO, 2001),

apesar da sua natureza afetiva e sexual ser homoafetiva, não ter capital financeiro e ter traços físicos resultantes da miscigenação de povos.

Fui convidado a entrar, cheguei até o quintal, mas por conta de seu cachorro, que apesar do tamanho era voraz, ele me consultou em irmos conversar em outro lugar, que seria um bar próximo a casa dele e que ele frequentava. Concordei e saímos da casa dele e nos dirigimos a um bar que bastou atravessar a rua. Sentamos numa mesa na parte externa do bar e pedimos água, mas ele disse que a vontade era de beber cerveja.

Começamos um papo informal que foi interrompido com meu pedido para poder gravar com meu celular e esta gravação durou 1h41min com diversas temáticas, que iam da vida pessoal, percorriam as escolas, e chegavam até os palcos. Depois de encerrar a entrevista ele não me permitiu pagar a conta, mesmo com minha insistência, saímos do bar, nos despedimos brevemente e ele foi para casa enquanto eu ia para o ponto de ônibus, mas combinamos de manter contato um com o outro. Recentemente descobri que o mesmo tem um relacionamento com um amigo meu e frequenta o bairro onde resido.

A entrevista foi transcrita a partir do meu telefone celular, utilizando fones de ouvido, de forma manuscrita aos poucos, pois é a fase mais trabalhosa, e depois digitada em meu *notebook*. Todas as fases anteriores foram feitas por mim mesmo. Os critérios de seleção dos trechos da entrevista foram a partir do sexo biológico e da construção do gênero masculino no Marcelo, depois a construção de seus/suas personagens e por último, mas não menos importante, das questões sobre a sua prática enquanto docente.

DESENVOLVIMENTO

O desejo de viver o feminino não é que o motiva xs performances a serem drags, como muita gente pode vir a pensar. Segundo Fernando Cardoso (2005), xs indivíduos que trabalham como drags, na maioria das vezes não querem ser do sexo oposto, elxs querem se sustentar e ou vivenciar aquele momento de glamour apenas, mas tem quem se montam porque querer vivenciar o feminino latente no seu interior, o que ocorre muito no Carnaval, e outrxs o fazem porque que querem virar travestis. Esta se refere ao ato de constituir xs personagem feminina/masculinas com adereços, nomes próprios e características femininas/masculinas.

[...] Eu nunca quis ser uma mulher, no entanto, no meu caso não é ser mulher, mas é sobre fazer performance, é sobre me montar, é brincar de se produzir. (Marcelo Souza Costa, entrevista realizada no dia 07/11/2013)

Xs sujeitxs, quando montados de drags, unem, em um único corpo, características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade (LOURO, 2004). O Marcelo fala que os gays gostam de brincar com tudo o que é dado socialmente ao gênero feminino, e a partir daí ele coloca que a Suzy Brasil é a desconstrução de tudo o que deveria representar, mas prefere exagerar, sem se esquecer que essa [dês]construção (exagero no feminino sem a exclusão total de características masculinas) de professor Marcelo em Suzy Brasil é apenas para fins lucrativos, por isso ele coloca que criador e criatura tem aspectos físicos (altura, peso, massa muscular, etc.) e aspectos culturais (a Biologia, notícias, etc.) bem parecidos, mas seus aspectos psicológicos são bem diferentes.

Há exploração das práticas, dos discursos, das performances, das identidades masculinas construídos em diferentes contextos históricos e culturais conforme nos mostram os/as autores/as Bruna Franchetto (1980), Joan Scott (1988), Judith Butler (2003), Michael Foucault (1990) e Suely Kofes (1993).

Para Guacira Louro (2004), é impossível discutir sobre drags e não notar como essxs personagens brincam e quebram os [pré]conceitos sobre sexo, gêneros, identidades sexuais e naturezas afetivas/sexuais. Elxs permitem questionar a autenticidade dessas dimensões e refletir sobre seu caráter [re/des]construído. A cada peruca, a cada maquiagem, a cada figurino, o Marcelo [re/des]constrói um novo gênero feminino, questionando assim a construção biológica de tal aspecto sexual, confirmando assim o gênero como algo histórico, cultural e socialmente construído.

[...] meu personagem não é o Marcelo, eu sou o Marcelo, o meu personagem é a Suzy Brasil. [...] O perfil psicológico da Suzy Brasil é diferente do meu. (Marcelo Souza Costa, entrevista realizada no dia 07/11/2013)

O Marcelo é o ator, que é aquele que interpreta e representa uma ação com base em um texto emprestando plenitude física e espiritual com o uso de sua voz, corpo e emoções, já a Suzy Brasil é a personagem, que é o papel interpretado assumindo personalidade, traços psicológicos e morais da pessoa criada.

O ator Marcelo não é a personagem Suzy Brasil, mas é intrinsecamente o ator dentro daquela proposta. Xs drags possuem características físicas e psicológicas, além de posturas e atitudes que lhe são próprias, que se distinguem dxs sujeitxs que lhes dão vida. Contudo, Guacira Louro (2004) explica que xs drags desenvolvem duas personalidades em apenas um corpo. Percebi isso na entrevista com o Marcelo, pois ele se mostrou bem discreto e altamente masculino, já a Suzy Brasil é extremamente extravagante, escrachada e tem uma feminilidade

bem particular [eu até diria exótica], ou seja, duas personalidades altamente distintas que ocupam o mesmo corpo.

Eu não raspo as minhas sobrancelhas ou faço qualquer outra coisa desse tipo, porque eu quero ter o visual de homem o resto do tempo da minha vida. (Marcelo Souza Costa, entrevista realizada no dia 07/11/2013)

O padrão de beleza do gênero masculino é demonstrado por meio de ornamentos naturais (barba, bigode e até as sobrancelhas), pois se tratam de elementos visuais de indumentárias e até de moda masculina que denunciam aspectos de masculinidade hegemônica (BUTLER, 2003; LOURO, 2001; TREVISAN, 1998), por isso o Marcelo não modifica seus aspectos masculinos presentes em seu corpo, negando, assim, toda a feminilidade de Suzy Brasil e reafirmando o gênero históricosociocultural. Xs drags fazem uma explícita manifestação do gênero oposto nxs personagens, mas no cotidiano mantêm-se com seu gênero identitário (CARDOSO, 2005), salvo algumas exceções.

Todos esses processos são feitos por meio da “montaria”. Através dela, xs drags estão se transformando, os corpos masculinos/femininos recebem algumas modificações, muitas das vezes não definitivas, até que se chegue ao corpo dxs personagens. As técnicas usadas, como conta Guacira Louro (2004), incluem a depilação, a “trucação”, a meia calça, as roupas exuberantes, a purpurina, as perucas, as unhas postiças, as plataformas e uma pesada maquiagem, contendo até cola. Toda essa “fabricação” traz à tona xs drags.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[...] na sala de aula é muito difícil de trazer a Suzy, até porque, para que eu a possa fazer tenho que estar caracterizado [...]. Na minha sala de aula a Suzy é algo muito afastado, o perfil psicológico dela é diferente do meu [...]. A Suzy não vem até a minha sala de aula [...]. A Suzy não vai até a Biologia, a Biologia que vai a ela. (Marcelo Souza Costa, entrevista realizada no dia 07/11/2013)

Xs personagens emergem graças a um processo de objetivação e subjetivação (FOUCAULT, 2004), em que os elementos sociais objetivados são trabalhados no nível individual, ganhando nova densidade. No trabalho gestual, tais características individualizadoras aparecem de forma clara. É evidente que as características dxs personagens não coincidem obrigatoriamente com as dxs atores/atrizes.

A tais características individualizadas que se delineiam a partir do comportamento gestual e postural se articulam as histórias individualizadas de cada personagem, de forma mais ou menos elaborada. É como se tais figuras, ou quase personagens, emergissem com

características gerais que as definem enquanto tipos ou categorias mais amplas e vão sendo pouco a pouco expressadas suas personalidades únicas. Ganhando personalidade própria, ou melhor, expressando suas idiossincrasias. Há um tempo que xs próprixs atores/atrizes definem como de verdadeiro ajustamento xs personagens que interpretam. Como se pode perceber há muitos ângulos nesse processo que chamamos de objetivação e subjetivação (FOUCAULT, 1990). Não vou tratar aqui das questões propriamente psicológicas porque escapam da minha alçada, mas é inegável que elas se oferecem à análise de um estudioso da área.

[...] num show e rolou um papo sobre “cheque”, aí a Suzy falou: “Vocês tem que fazer a ‘xuca’! Não comam cachorro-quente antes de fazer sexo. É porque muitas das vezes os grãos de milho podem sair inteiros.”. E aí a Suzy explicou : “Os animais não tem enzimas para digerir a celulose e a parede celular do milho é feita de celulose, então se vocês não destruírem o milho na hora da mastigação ele sairá inteiro na hora em que vocês passarem o ‘cheque’, vai ser um ‘cheque’ todo amarelinho.”. O pessoal achou engraçado, uma bicha caricata dar uma explicação científica. (Marcelo Souza Costa, entrevista realizada no dia 07/11/2013)

Ao ouvir, transcrever, digitar, ler, reler e escolher essa fala do Marcelo, ficou no ar as perguntas: E se a Suzy fosse a professora? O que ela poderia ensinar? Respondo que a Suzy Brasil como professora primeiro teria que estudar como qualquer outrx e segundo e estar disposta a enfrentar preconceitos. O ensino da Suzy, independentemente das diferenças de cada alunxs, implicaria na passagem de um ensino transmissivo para uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, conexional, que se contrapõe a toda e qualquer visão individualizada, hierárquica do saber. Iria propor atividades abertas e diversificadas.

Professorxs drags apresentam dois aspectos importantes ficam evidenciados: o primeiro é o de que são professorxs com disciplinas, conteúdos e programas específicos; o segundo é o de que são adultxs de referência.

As instituições de ensino não podem ser um palco de mentiras, no qual não entre em cena os relacionamentos entre indivíduos/as do mesmo sexo. Faz-se necessário investir em uma revisão dos currículos escolares e das relações escolares privilegiando a igualdade entre os sexos, os gêneros, as identidades de gênero e as naturezas afetivas e sexuais, e desta forma derrubando tabus e acabando com preconceitos e discriminações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Distante de quaisquer intenções de determinar aqui linhas conclusivas, nesta última parte desse texto me preocupo mais em tecer os comentários finais a respeito da investigação. É imprescindível destacar neste espaço as contribuições que almejo estar realizando para a

sociedade. À academia, que a leitura deste trabalho possa dialogar com os diversos interesses acerca da temática. Para xs leitorxs de outras áreas guiadxs pela curiosidade, que as narrativas contidas neste material que acaba de ser explorado promovam a abertura de debates em nível interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, quando enfim se alcance o contato necessário que ampare a solução de problemáticas pessoais ou acadêmicas. Entrego a fala então para a retrospectiva de todos os aspectos que protagonizaram exposições e discussões no decorrer do trabalho.

Entre os projetos de gênero que acompanham xs indivíduos desde a sua [pré]existência até os últimos momentos de vida, masculino e feminino representam categorias históricas, culturais e sociais que organizam o mundo heterossexual e falocêntrica das instituições de poder no sentido de regular práticas, comportamentos e afetos de modo a assegurar os fins [pró]criativos da espécie humana. Diante de uma imagem travestida, o olhar de estranhamento situa corpos em denominações de anormalidade sem, entretanto, compreender o processo histórico, cultural e social das pluralidades e multiplicidades sexuais e de gênero.

No caso dxs drags, os processos de formação dessa categoria ambientam as performances em mecanismos de embaralhamento dos aspectos de gênero propondo uma posição libertária na qual o questionamento e a transgressão são elementos essenciais. Xs sujeitxs que interpretam drags exemplificam a complexidade da sexualidade humana, incluindo, aí, as relações de gênero, possuindo características masculinas e se constituem femininas e visa e versa. Essxs sujeitxs se apropriam de características comuns ao sexo oposto, fazendo caricaturas daquilo que consideram mais marcantes. Expressam, por diferentes meios, suas identificações com esse gênero, por meio das formas do corpo, da maquiagem utilizada e pela linguagem específica.

A relação dx drag com x sujeitx que a interpreta se dá, na opinião do entrevistado, com certa autonomia, em que ambos, Suzy Brasil e professor Marcelo, podem ter características até opostas, se levados em consideração aspectos físicos e comportamentais. Por possuírem seu próprio nome e espaço de socialização, xs drags atuam como personagens, desempenhando seu script. A identidade dx performista passa pelo mesmo processo, ao mesmo tempo em que a identidade do personagem vai se incorporando e se apropriando de voz e códigos gestuais que, embora performativos, podem definir uma relação com xs intérprete.

A entrada e a manutenção dxs professorxs drags [ou seriam drags professorxs?!] no ambiente escolar podem mostrar algumas direções da mudança nas relações de trato com indivíduos. Nesse sentido, é preciso entender o funcionamento dos dispositivos das normas de

gênero na regulação das dinâmicas [inter]relacionais. Esses dispositivos exercem um papel crucial nas interdependências sociais para definir as hierarquias sexuais construídas. LGBT e outras formas de vida em conflito com a heteronormatividade são rechaçadas como algo a ser eliminado, combatido e/ou subalternizado pelos discursos articulados na história do Ocidente. Nessa perspectiva, compreendemos professorxs drags na busca constante de reconhecimento, ainda que construindo um corpo normalizado de mulher/homem, regido em certa medida pelas normas de gênero. A contingência dessas normas pode ser observada na medida em que determinadas formas de vida transitam pelas sexualidades e pelo gênero. O professor Marcelo enquanto Suzy Brasil ao aproximar de um gênero contrário ao seu, tem uma aproximação que sempre aparece como insuficiente e ao mesmo tempo desnaturaliza a definição de mulher. O Marcelo procura adequar o corpo masculinizado já dado pela heteronormatividade a um corpo exageradamente feminino, e visa e versa.

Na escola, bem como na sociedade de uma forma geral se reiteram as normas de gênero pelos discursos bíblicos religiosos e [i]morais. Portanto o lugar de professorxs drags torna-se, para muitxs, uma dignidade imprópria todxs aquelxs que saiam da norma sexual socialmente criada. Nesse sentido, entendo que essa busca do professor Marcelo por esse feminino caricato pauta-se por processos extremamente complexos e tensos nas relações com a escola e fora dela.

Certo didatismo ou uma fala mais pedagógica passa longe dxs drags, ou pelo menos é o que se pensa. Elxs agem no agora da situação e essa ação é rápida e certa, como uma bala de revólver disparada contra a plateia das boates, nada diferente como ação docente em sala de aula. Xs drags ainda se encontram reduzidxs aos locais de público predominantemente homoafetivo, mas ali o seu papel de resistência e ampliação de questões pertinentes ao ser e cotidiano homoafetivo é inquestionável e exemplar.

As instituições de ensino demonstram uma preocupação no que diz respeito xs indivíduxs ditxs “diferentes” dentro da escola, sendo, agora, profissionais e, além disso, a vigilância atua sobre estes corpos, já que serão formadorxs e adultxs de referência. É interessante perceber o quanto estas identidades ficam marcadas pela sexualidade, em função de que a exposição dos corpos está presente e causa um atravessamento nas questões escolares e sexuais dxs indivíduxs. Também causa estranhamento, porque este novo elemento adentra em um espaço onde a diversidade está colocada, mas de uma forma muito organizada, onde todos/as são tratados/as de forma igualitária, porque muito pouco se fala sobre isso, sobre a diversidade, e, sobretudo, a diversidade sexual. A escola, aqui, não discute estes temas da

contemporaneidade, talvez por não ter de assumir seus papéis diante da sociedade e agora por conta da perseguição do [des]governo.

Considerada essa submissão da escola e o papel ausente dxs professorxs que negam trabalhar determinados assuntos que não estejam diretamente ligados a seus conteúdos programáticos, os temas da diversidade, da sexualidade e das identidades de gênero não são vividos e passam a ser irrelevantes no processo de aprendizagem, deixando as relações interpessoais muito a desejar no sentido social e humano. Por outro lado, quando se tem professorxs, independentemente de suas identidades de gênero, interessadxn nestes processos de humanização e conscientização de seu verdadeiro papel enquanto educadores/as, temos uma garantia de que nem tudo está perdido.

Posso afirmar que professorxs drags, bem como outrxs mais que estão fora da norma, irão ser agentes neste processo, pois, elxs querem, muito mais do que viver suas vidas independentemente do elemento identitário dentro da escola, elxs querem e estão aptos/as a estabelecer estas vivências e serem, ao mesmo tempo, ativistas de uma mobilização tendo sensibilização diante do assunto e de sua relevância. Quando xs professorxs drags vão para frente de uma turma de alunxs, dois aspectos importantes ficam evidenciados: que elxs são professorxs, com disciplinas e conteúdos programáticos específicos; e que elxs são adultxs que servem como referência. Também quanto mais estxs professorxs se assumem enquanto LGBT's e militam a favor da causa, fica claro que xs professorxs em questão tem sexo, gênero e relações e, por isso, se credenciam para serem adultxs de referência para alunxs LGBT's, mas para xs demais alunxs também, sem dúvida nenhuma. São adultxs de referência para todxs, porque, querendo ou não, fica uma identidade marcada pela sexualidade.

De resto, posso simplesmente dizer que xs professorxs que interpretam xs drags [ou seriam xs drags que atuam como professorxs?], não apenas desejam viver, ensinar e serem aceitxs como sendo [re/des]construtores da natureza oposta a de seu sexo biológico, ao contrário, superam as características de seu gênero, e vivificam suas identificações com o gênero oposto por meio de suas performances e montagens, que os auxiliam na constituição de seus corpos, desejos e paixões.

Para finalizar, digo que a escola não pode ser um palco de mentiras, no qual não entre em cena uma parte importante da vida: o vasto campo das sexualidades e seus atores e atrizes. É fundamental investir em uma revisão dos currículos e das relações escolares privilegiando a igualdade entre os sexos e as expressões de gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Fernando Luiz. Inversões do papel de gênero: drag queens, travestismo e Transexualismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 421-430, 2005.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: a Vontade de Saber. Volume I. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FRANCHETTO, Bruna. Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KOFES, Suely. "Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações". In: *Cadernos Pagu*, nº 1, 1993.

LEONELLO, Valéria Marli; L'ABBATE, Solange. Educação em saúde na escola: Uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. *Interface*, 2006. p. 149-166.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira; BÓGUS, Cláudia Maria. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. *Saúde e Sociedade*, 2004. p. 44-57.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. Gender and the politics of history. New York: Columbia Univ. Press, 1988. Publicado em: *Educação & Realidade*, vol. 15, nº 2, jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (*Les Cahiers du Grif*, nº 37/38. Paris: Editions Tierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro.

TREVISAN, João Silvério. Seis balas num buraco só: a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record, 1998.